

Artigo

Caducidade moral e vida alienada: reflexões filosóficas e literárias sobre ética na educação

**Moral loss and alienated life:
philosophical and literary reflections on ethics in education**

**Pérdida moral y vida dañada:
reflexiones filosóficas y literarias sobre ética en la educación**

José Paulo Gatti¹

Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), São Carlos-SP, Brasil

Resumo

Este artigo analisa - desde a teoria crítica, o pensamento nietzschiano e um conto machadiano - possíveis perspectivas de experiência moral em um ambiente urbano moderno. A pesquisa, de caráter bibliográfico, procura encadear a filosofia com a análise literária, estabelecendo um diálogo capaz de estimular a reflexão e inspirar horizontes distintos para o enfrentamento da temática moral no âmbito educativo. Ela parte da noção defendida por Theodor Adorno de que a moralidade, enquanto doutrina da vida certa, foi esquecida e o que orienta a vida são os valores do modelo produtivo, não mais a construção de costumes compartilhados conscientemente pelos homens. Analisa a origem desse fenômeno que, para Nietzsche, está na cisão entre razão e intuição, de tal forma que os valores passaram a ser estabelecidos pelo raciocínio utilitarista e pela idealização da existência. Segundo esse autor, as atitudes e valores do homem deveriam surgir de suas relações, estabelecidas por ele próprio, intuitivamente, não impostos de antemão. Em uma leitura do conto *A Cartomante*, de Machado de Assis, vê-se sinais de uma aproximação intuitiva e desconcertante da vida em sociedade, que mais sugere do que revela e, assim, toca a natureza humana em sua ambiguidade fundamental. Ao apontar tal contexto, o conto desmascara as inconsistências do modelo estruturado para justificar o comportamento humano, revelando essa impossibilidade última e suas consequências. Uma possível compreensão da realidade e do lugar da moral exige o resgate da dialética da existência na dinâmica educativa, essa chance de enxergar as tensões e conflitos dissimulados.

Abstract

This article analyzes, from critical theory, Nietzschean thought and a Machado short story, possible perspectives for moral experience in a modern urban environment. The research, bibliographical in nature, seeks to link philosophy with literary analysis, establishing a dialogue capable of stimulating reflection and inspiring different horizons to face the moral theme in the educational sphere. It starts from the notion defended by

¹ Doutor em Educação pela Universidade Federal de São Carlos – UFSCar. Membro do Grupo Teoria Crítica e Educação, da UFSCar. Coordenador Pedagógico da EMEF do Campo “Eugênio Trovatti”, em Araraquara-SP. Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-4673-319X>. E-mail: jpgatti47@gmail.com



Theodor Adorno that morality, as a doctrine of the right life, has been forgotten and that what guides life are the values of the productive model, no longer the construction of customs consciously shared by men. It analyzes the origin of this phenomenon which, for Nietzsche, lies in the split between reason and intuition, in such a way that values began to be established by utilitarian reasoning and the idealization of existence. According to this author, man's attitudes and values should arise from his relationships, established by himself, intuitively, not imposed in advance. In a reading of the short story *A Cartomante*, by Machado de Assis, we see signs of an intuitive and disconcerting approach to life in society, which suggests more than it reveals and, thus, touches human nature in its fundamental ambiguity. By pointing out this context, the story unmasks the inconsistencies of the model structured to justify human behavior, revealing this ultimate impossibility and its consequences. A possible understanding of reality and the place of morality requires the rescue of the dialectic of existence in educational dynamics, this chance to see hidden tensions and conflicts.

Resumen

Este artículo analiza, desde la teoría crítica, el pensamiento nietzscheano y un cuento de Machado, las posibles perspectivas de la experiencia moral en un entorno urbano moderno. La investigación, de carácter bibliográfico, busca vincular la filosofía con el análisis literario, estableciendo un diálogo capaz de estimular la reflexión e inspirar diferentes horizontes para afrontar el tema moral en el ámbito educativo. Se parte de la noción defendida por Theodor Adorno de que la moral, como doctrina de la vida correcta, ha sido olvidada y que lo que guía la vida son los valores del modelo productivo, ya no la construcción de costumbres compartidas conscientemente por los hombres. Analiza el origen de este fenómeno que, para Nietzsche, radica en la escisión entre razón e intuición, de tal manera que los valores comenzaron a establecerse a partir del razonamiento utilitario y la idealización de la existencia. Según este autor, las actitudes y valores del hombre deben surgir de sus relaciones, establecidas por él mismo, de forma intuitiva, no impuestas de antemano. En la lectura del cuento *A Cartomante*, de Machado de Assis, vemos signos de una aproximación intuitiva y disconcertante de la vida en sociedad, que sugiere más de lo que revela y, por tanto, toca la naturaleza humana en su ambigüedad fundamental. Al señalar este contexto, la historia desenmascara las inconsistencias del modelo estructurado para justificar el comportamiento, revelando esta imposibilidad última y sus consecuencias. Una posible comprensión de la realidad y del lugar de la moral requiere el rescate de la dialéctica de la existencia en la dinámica educativa, esta oportunidad de ver tensiones y conflictos ocultos.

Palavras-chave: Teoria crítica da cultura, Formação da consciência moral, Literatura brasileira.

Keywords: Critical theory of culture, Formation of moral conscience, Brazilian literature.

Palabras claves: Teoría crítica de la cultura, Formación de la consciencia moral, Literatura Brasileña.

Introdução

Como a questão moral pode ser abordada pela educação dentro de um contexto em que os valores da vida estão circunscritos a espaços cada vez



mais limitados? O que é moral e o que é imoral em um mundo no qual a economia e o mercado direcionam os gostos e os padrões de conduta a serem implementados?

O presente texto tem o objetivo de refletir sobre a questão moral, esquecida desde que se fragmentou e ficou descuidada nas decisões do dia a dia, dispensada e omitida, uma vez que a economia programa e comanda a vida de todos. A singularidade dos sujeitos perdeu densidade e as perspectivas acerca do que é bom e do que tem valor são administradas fora dele.

O filósofo Theodor Adorno (2008, p.9) afirma:

A triste ciência, da qual ofereço algo a meu amigo concerne a um domínio que por tempos imemoriais contou como específico da Filosofia, mas que desde a transformação desta em método foi relegado ao menosprezo intelectual, ao arbítrio sentencioso e, finalmente, ao esquecimento: a doutrina da vida certa. Aquilo que outrora o filósofo entendia por vida, reduzido à esfera privada e depois só à do consumo, vê-se arrastado, sem autonomia e sem substância própria, como apêndice do processo de produção material. Só a pesquisa da sua configuração alienada, das potências objetivas que determinam até no mais recôndito a existência individual, permite conhecer a verdade sobre a vida tal como é dada.

Em outras palavras, a doutrina da vida certa, a moral, esvaziou-se, perdeu seu significado, assim como a própria substância da vida das pessoas na sociedade - reduzida a relações de tipo comercial, de trocas mercantis. Nesse mercado, o indivíduo carece de subjetividade, tornou-se um ente produzido e reproduzido para consumo – um ser sem identidade particular, imerso no sistema que o define e posiciona socialmente, estabelecendo o que tem ou não valor. Nesse contexto comercial, ele está constantemente adequando sua imagem ao meio, configurando os traços de uma existência alienada.

Essa é uma realidade em que a expressão *Vida Certa* não faz sentido. Talvez seja possível falar em *vida ajustada*, enquadrada ao sistema produtivo e ao consumo. Na atualidade, moralmente bom é o indivíduo que trabalha e consome, integrado à sociedade produtiva; um indivíduo pragmático, cujos valores não mais se referenciam por costumes estandardizados, posto que a dinâmica da vida a mantém, paradoxalmente, em constante reformulação para continuar sendo sempre a mesma. Os valores morais são definidos e redefinidos no mundo administrado em função de sua própria reproduzibilidade.

Interessa-nos discutir essa temática e a possibilidade de abordá-la no horizonte educativo, considerando os limites e bloqueios em que a própria educação se encontra, no contexto de uma formação regressiva. Nossa hipótese é que a literatura pode oferecer – desde a ficção – perspectivas de uma existência contraditória, dissimulada, como na própria vida, porém sutilmente evidenciadas pela intuição artística e, desse modo, capaz de educar, isto é, capaz de oferecer, a um olhar atento, um horizonte crítico, desconcertante o suficiente para que os sujeitos sintam-se incomodados instados a refletir sobre ele.

Nossa reflexão começa mesclando os principais postulados da teoria crítica e, ao mesmo tempo, retomando elementos da filosofia nietzschiana, de modo a compreender as origens desse cenário. Em seguida, nos aproximamos de uma obra literária que retrata a sociedade urbana da modernidade, fazendo sua análise e buscando nela a figura de um debate moral – instrumento da possível prática pedagógica – da qual tiramos as conclusões desta pesquisa.

Entendemos que a perspectiva do que é *bom* ou *mau* vai se modificando com o tempo, na medida em que a existência humana e sua reprodução vai sendo modificada. O indivíduo, que no mundo globalizado tornou-se consumidor e mercadoria, perdeu suas especificidades de sujeito, sua vontade própria, sua consciência crítica, reverberando a falência de todos os valores morais tradicionais e a impossibilidade de restabelecê-los.

Essa corrosividade da perspectiva moral hegemônica nasceu historicamente. De acordo com Nietzsche, funda-se nas exigências da própria racionalidade humana, separada da vontade e do impulso vitais desde o processamento de certo modelo reflexivo, desenvolvido pela tradição filosófica que se tornou predominante. Ele, em seu tempo, vislumbrou e denunciou essa decadência da razão e da moral.

2. A decadência humana, segundo Nietzsche

A obra *Genealogia da moral* (2007) é uma crítica à racionalidade que subverteu a Ética. A genealogia é o estudo metódico, analítico, da procedência de um dado objeto – neste caso, a moral. Esclarecendo a origem dos conceitos *bom* e *mau* a partir da ideia de utilidade e, em seguida, do costume, o autor aponta os desdobramentos da razão estabelecendo os contornos de um objeto, buscando compreendê-lo e, enfim, definindo um conceito, criando uma verdade. Esse foi o caminho reflexivo, que em seus primórdios desafiava os homens a encontrar respostas diante das inúmeras dificuldades da existência. A constituição da moral, naquele momento, permitiu a edificação de uma sociedade com nobres e senhores *bons* e *valentes*, *corajosos* e *fortes* de um lado, e servos sem as mesmas habilidades, *submissos* e *fracos*, *sem virtude* e *sem vontade*, de outro.

Foram os “bons” mesmos, isto é, os nobres, poderosos, superiores em posição e pensamento, que sentiram e estabeleceram a si e a seus atos como bons, ou seja, de primeira ordem, em oposição a tudo que era baixo, de pensamento baixo, e vulgar e plebeu. Desse *pathos da distância* é que eles tomaram para si o direito de criar valores, cunhar nomes para os valores: que lhes importava a utilidade! (Nietzsche, 2007, p.19 – grifos do autor).

Entretanto, ao longo de seu processo de desenvolvimento, o pensamento distanciou-se das experiências concretas da vida. O surgimento da reflexão filosófica, a partir de certo momento, demarcou a busca e consolidação de padrões exemplares – ideias capazes de representar o domínio perfeito e absoluto da realidade. Foi assim que a arrogância reflexiva fixou valores ambiciosamente superiores à própria vida. O modelo a ser buscado deveria ter um caráter universal – em uma espécie de espiritualização

de ideais conceituais – válido e compartilhado por todos, cada vez mais internalizado em cada um.

Para Nietzsche, essa dinâmica igualou os desiguais, harmonizou e homogeneizou pela subtração das potências mais criativas de cada um e, definitivamente, submeteu a vida, com toda sua riqueza, ao domínio da metafísica abstrata.

Tudo isso se tornou ainda mais grave quando tais referenciais contemplativos, transmutados em paradigmas da Verdade, passaram a identificar *fraqueza* como *força*, e *debilidade* como *virtude*. Assim foi a prática adotada pela classe sacerdotal. Esta, fazendo a distinção do *puro* e do *impuro*, acabou por subverter a noção de *bom* e *mau*. *Bom* passou a ser aquele que se compadece do fraco e se posiciona como ele, enquanto *mau* passou a ser aquele em posição de superioridade diante do outro.

Se os oprimidos, pisoteados, ultrajados exortam uns aos outros, dizendo [...] “sejamos outra coisa que não os maus, sejamos bons! E bom é todo aquele que não ultraja, que não fere, que não ataca, que não acerta contas, que remete a Deus a vingança, que se mantém na sombra como nós, que foge de toda maldade e exige pouco da vida, como nós, os pacientes, humildes, justos” – isto não significa, ouvindo friamente e sem prevenção, nada mais que: “nós, fracos, somos realmente fracos; convém que não façamos nada *para o qual não somos fortes o bastante*”; mas esta seca constatação, esta prudência primaríssima [...], graças ao falseamento e à mentira para si mesmo, próprios da impotência, tomou a roupagem pomposa da virtude que cala, renuncia, espera, como se a fraqueza mesma dos fracos – isto é, seu *ser*, sua atividade, toda sua inevitável, irremovível realidade – fosse um empreendimento voluntário, algo desejado, escolhido, um *feito*, um *mérito*. (Nietzsche, 2007, p.37 – grifos do autor).

A universalização dessa perspectiva é, para Nietzsche, a subversão completa da moral. E coroando tal processo, desenvolveu-se o *ideal ascético*, segundo o qual é preciso controlar todo impulso natural para alcançar o verdadeiro bem, transcendente.

O pensamento em torno do qual aqui se peleja é a valoração de nossa vida por parte dos sacerdotes ascéticos: esta (juntamente com aquilo a que pertence, “natureza”, “mundo”, toda esfera do vir a ser e da transitoriedade) é por eles colocada em relação com uma existência inteiramente outra, a qual exclui e à qual se opõe, *a menos* que se volte contra si mesma, que *negue a si mesma*: neste caso, o caso de uma vida ascética, a vida vale como uma ponte para essa outra existência. O asceta trata a vida como um caminho errado [...]. (Nietzsche, 2007, p.106 – grifos do autor).

Para Nietzsche, toda essa dinâmica consolidou-se sobre a base de uma racionalidade cindida, desfigurando o ser humano, e é simulacro que enfraquece as reais potencialidades da vida, devendo passar por um processo de transvaloração de todos os valores. Segundo o filósofo, a virtude deve

nascer imparcialmente, sem os processos que tendem a inserir uma transcendência no mundo natural, sem pressupostos *utilitaristas* ou *ascéticos*, pois não há nada que seja *bom* ou *mau* por princípio.

Em outra obra, “*Sobre verdade e mentira no sentido extra-moral*” (1983), escrita na juventude, Nietzsche já considerava a condição lamentável em que se colocou o homem para unir-se em sociedade e garantir a sobrevivência. Distorceu o intelecto – única ferramenta de que dispunha – na construção de um universo meticulosamente calculado e dominado por conceitos produzidos nos limites das metáforas que intuitivamente formulava. O autor afirma (1983, p.47): “Acreditamos saber algo das coisas mesmas, se falamos de árvores, cores, neve e flores, e, no entanto, não possuímos nada mais do que metáforas das coisas, que de nenhum modo correspondem às entidades de origem”. O filósofo criticava, desse modo, a edificação do universo conceitual que passou a avaliar, limitar e definir as possibilidades da existência humana. Uma existência sempre aquém de suas reais possibilidades, uma vez que não é capaz de conectá-lo inteiramente às coisas mesmas – situação da qual se ressentia. Nesse sentido, apesar do artifício, da constante necessidade de reforçar a segurança, ele guarda o impulso fundamental à verdade, o espaço do encontro com as primeiras impressões.

Nietzsche considera o ser humano dividido entre a razão e a intuição. O homem racional pretende dominar o mundo com palavras e conceitos, estabelecendo um conhecimento que é pura pretensão e ilusão de verdade. O homem intuitivo pretende dominar o mundo através de uma percepção direta dele – experiência que lhe suscita contemplação e silêncio. “Ambos desejam ter domínio sobre a vida” (Nietzsche, 1983, p.51). Ambos estão vivos no interior de cada sujeito: enquanto o primeiro, guiado por conceitos e abstrações, apenas se defende da infelicidade, “sem conquistar das abstrações uma felicidade para si mesmo” (1983, p.52), por conta das inconsistências entre o discurso e o mundo objetivo, o homem intuitivo “colhe desde logo, já de suas intuições, fora a defesa contra o mal, um constante e torrencial contentamento, entusiasmo, redenção” (1983, p.52).

Essa dicotomia existencial dilacera o ser humano. Banido e aprisionado em uma falsa consciência, que agora o predispõe na busca do ideal ascético, ele exige o controle definitivo de todos os impulsos vitais em benefício de outra existência, transcendente – uma vontade de poder que deseja assenhorear-se não de algo da vida, mas da vida mesma, espiritualizada, voltando-se contra sua realização efetiva, no corpo. O corpo, nesse sentido, com suas limitações, necessidades, impulsos, é oprimido e dominado com toda sorte de instrumentos.

Tudo isso é paradoxal no mais alto grau: estamos aqui diante de uma desarmonia que se *quer* desarmônica, que *frui* a si mesma nesse sofrimento, e torna-se inclusive mais triunfante e confiante à medida em que diminui o seu pressuposto, a vitalidade fisiológica (Nietzsche, 2007, p.107).

O resultado disso, para Nietzsche, é um processo de aniquilamento dos impulsos vitais necessários à existência, o desenvolvimento de uma doença que apequena cada vez mais o ser humano, conduzindo-o ao Nada, à inação, ao desejo da total inércia e apagamento.

Assim, o movimento de autopreservação que fixou – nas palavras do próprio Nietzsche (1983, p.46) – “uma consciência orgulhosa e charlatã” estabeleceu a cisão da racionalidade e o triunfo do racionalismo, por sua vez incorporado na sistematização do sistema econômico.

Na atualidade, a perspectiva ascética foi secularizada, transportada para a esfera do trabalho que, aliado ao desenvolvimento da técnica, da administração e das leis, tornou-se a racionalidade fundamental para o desenvolvimento do capitalismo (Weber, 2004). A dinâmica produtivo-consumidora estendeu-se para todos os recônditos campos da vida, influenciando o movimento de renovação da sociedade, criação e recriação da cultura e a inserção dos indivíduos a ela (Adorno e Horkheimer, 1985). À vista disso, a sociedade industrializada ajusta a existência dos indivíduos através de sua participação na produção e no consumo, e estes, no que lhes concerne, assimilam voluntariamente tais disposições, com a promessa de terem suas aspirações satisfeitas. Conforme sentença Adorno (2008, p.34):

A marca da época consiste em que nenhuma pessoa, sem exceção alguma, ainda pode determinar por si a sua vida com passável transparência. Em princípio todos, incluindo os mais poderosos, são objetos. [...] o indivíduo como indivíduo, tal como representa a espécie humana, perdeu a autonomia na qual poderia realizar a espécie.

Portanto, o contexto geral é de esquecimento da moral, ainda que, paradoxalmente, permaneça idealizada, sustentando a ilusão da virtude.

3. De Nietzsche a Machado: a crítica da moral burguesa

Para Nietzsche (1983), a intuição é a potencialidade humana capaz de conhecer genuinamente a realidade do mundo, captando-o diretamente sem a pretensão de domínio e controle da razão. E é através do mito, da narrativa fantástica e da arte que o intelecto reconhece não ser guiado por conceitos, mas por intuições. Aquele que exercita o impulso criativo é que de fato ultrapassa a consciência e pressente o inimaginável. É o artista que verdadeiramente capta, em sua arte, a força vital.

Buscando compreender, então, de que maneira tal apreensão intuitiva apresenta a moralidade das atitudes humanas, tomamos o conto *A Cartomante*, de Machado de Assis (1997). O conto retrata um triângulo amoroso, porém destituído de pretensões românticas. Antes, ele despe a sociedade burguesa, revelando sua mesquinhez e a contradição de seus postulados. Retomamos, primeiramente, a narrativa, para, na sequência, analisá-la desde a perspectiva crítica e estimular uma associação com a prática educativa.

3.1 O enredo de *A Cartomante*

Na primeira cena, em novembro de 1869, o moço Camilo e a bela Rita estão juntos em um aposento e ela lhe explica por que foi consultar uma cartomante: tinha medo de perdê-lo. Camilo ri, demonstrando total incredulidade e adverte ser perigoso andar por aquelas ruas, pois Vilela

poderia ficar sabendo, o que arruinaria tudo. Mais adiante o leitor compreende que Vilela é o marido de Rita. A moça diz que teve cuidado e, além de tudo, Camilo não devia rir, pois há muita coisa misteriosa e verdadeira nesse mundo. Por fim, a cartomante devolveu-lhe a tranquilidade de espírito. Separaram-se contentes e o amante descrente ainda observou, distraído, onde ficava a casa da vidente.

A narrativa volta no tempo e passa a explicar a origem das três personagens: Vilela, Camilo e Rita. Vilela e Camilo haviam sido amigos de infância. Vilela formou-se magistrado e Camilo tornou-se funcionário público, contra a vontade do pai, que o queria médico. Na verdade, Camilo não queria ser nada e o emprego lhe arranjava a mãe, após a morte do marido. No início de 1869, Vilela deixou a magistratura, voltou da capital casado com Rita, uma dama “formosa e tonta” (Assis, 1997, p.478), e abriu escritório de advocacia. Os dois se reencontraram. Camilo observou que Rita era tudo o que dissera o amigo, por cartas. Rita era mais velha que ambos.

O narrador relata que a convivência entre eles trouxe intimidade. A morte da mãe de Camilo, sentida como um desastre, os uniu ainda mais. Vilela cuidou da parte burocrática e Rita do seu coração. Os laços se estreitaram e os dois se apaixonaram. Havia as ocasiões: liam os mesmos livros, iam juntos a teatros e passeios, jogavam... Entretanto, havia também o que o narrador chama de “a ação da pessoa” (Assis, 1997, p.479), as atitudes tomadas pela personagem seduzindo o rapaz: “os olhos teimosos de Rita, que procuravam muita vez os dele, que os consultavam antes de o fazer ao marido, as mãos frias, as atitudes insólitas” (Assis, 1997, p.479), pequenas circunstâncias que os aproximavam cada vez mais um do outro. O narrador insinua sutilmente que a dama, na verdade, tecia, com refinada experiência, os fios que enredariam Camilo em sua trama.

Camilo quis ainda fugir, mas Rita – enfim revela o narrador – agiu como uma serpente: “foi-se acercando dele, envolveu-o todo, fez-lhe estalar os ossos num espasmo, e pingou-lhe o veneno na boca” (Assis, 1997, p.479). Considerando, no entanto, que a chegada do casal foi no início de 1869 e a cena inicial, com os dois já enamorados, dava-se em novembro daquele ano, percebe-se que a afirmação da resistência de Camilo é duvidosa, talvez para acentuar a leviandade de Rita, também associada à figura mítica da serpente. Vilela, por sua vez, não suspeitava de nada. Sua confiança e estima permaneciam inalteradas.

Assim, o narrador elabora um perfil bastante sugestivo das personagens: Vilela é o que seguiu a carreira da magistratura, o *self-made man*, e que, desposando Rita, resolve voltar para a terra natal e atuar como advogado. Homem de porte grave, que o fazia parecer mais velho que a mulher. Rita, por sua vez, é descrita sob várias perspectivas: primeiro, para o narrador (ou para o marido? – existe a ambiguidade), é uma “dama formosa e tonta”; para Camilo, porém, “graciosa e viva nos gestos, olhos cálidos, boca fina e interrogativa” (Assis, 1997, p.479) e, novamente para o narrador, é a serpente que hipnotiza e devora. E, por fim, Camilo, aquele que “preferiu não ser nada, até que a mãe lhe arranhou um emprego público” (Assis, 1997, p.478). O narrador afirma que “era um ingênuo na vida moral e prática. Faltava-lhe tanto a ação do tempo, como os óculos de cristal, que a natureza põe no berço de alguns para adiantar os anos. Nem experiência, nem intuição”

(Assis, 1997, p.479) – uma pessoa vazia e influenciável, que só encontrou posição em função de um favor feito à mãe.

Portanto, temos um homem determinado, uma mulher volúvel e traiçoeira e um rapaz desajustado, se é que tal simplificação alcança sintetizar a complexidade da natureza das personagens.

A reviravolta da narrativa acontece quando Camilo recebe uma carta anônima denunciando seu caso. Ele ficou amedrontado e começou a rerear as visitas. Vilela percebeu e o moço explicou ser uma paixão juvenil, deixando de frequentar a casa do amigo definitivamente.

Foi esse o motivo de Rita ter procurado a cartomante, desconfiada e querendo saber a verdadeira causa do afastamento. O texto recupera o tempo da cena inaugural.

Passaram-se algumas semanas após esse encontro e Camilo recebeu ainda mais duas ou três cartas, temia que fossem avisar Vilela. Rita tentava dissuadi-lo de abandoná-la, as cartas deviam ser de algum pretendente. “A virtude é preguiçosa e avara, não gasta tempo nem papel; só o interesse é ativo e pródigo” (Assis, 1997, p.480).

Ela combinou levar os envelopes para comparar as letras da correspondência que chegasse à sua casa. Vilela, por sua vez, começou a mostrar-se desconfiado. Rita queria que o amante voltasse a frequentar a casa para observar o marido, mas ele achava melhor permanecer ausente.

É então que um novo elemento altera a narrativa: Camilo recebe um bilhete de Vilela, chamando-o até sua casa com urgência. A partir daí a marcação do tempo sofre uma aceleração, indicando o que acontece minuto a minuto e aumentando a comoção. A exposição centra-se nos pensamentos do rapaz, em sua inquietação e sua imaginação. Ele sai logo. Por que em casa e não no escritório? Devia ser assunto especial, a letra do bilhete parecia-lhe trêmula, saberia ele de tudo? Imaginou a cena de um drama com final trágico. Pensou levar uma arma. Camilo tinha medo. Foi à casa dos encontros, mas não encontrou nenhuma mensagem de Rita. Voltou à rua, inquieto e nervoso. Era perto de uma hora da tarde. Tomou um tîlburi e seguiu para o encontro. No caminho, na rua da cartomante, o carro teve de parar por causa de um acidente. É então que lhe vem a ideia de consultar a pitonisa - “[...] do fundo das camadas morais emergiam alguns fantasmas de outro tempo, de velhas crenças, as superstições antigas” (Assis, 1997, p.481). Com alguma relutância, entra pelo corredor da casa, “morada do indiferente Destino” (Assis, 1997, p.481). A mulher o recebe em uma salinha “mal alumiada por uma janela, que dava para o telhado dos fundos” (Assis, 1997, p.482). O narrador, então, toma fôlego para descrever, minuciosamente, o posicionamento de ambos no aposento: ele é colocado em um assento diante de uma mesa, de frente para a janela, enquanto ela senta-se do lado oposto, seu rosto nas sombras. Enquanto baralhava as cartas, olhava para ele “por baixo dos olhos” (Assis, 1997, p.482). “Era uma mulher de quarenta anos, italiana, morena e magra, com grandes olhos sonsos e agudos” (Assis, 1997, p.482). Os dois adjetivos revelam a ambiguidade da personagem, pronta para parecer *sonsa*, e, no entanto, *aguda* para captar as circunstâncias. Depois de observá-lo bem, *revela-lhe* o futuro. “O senhor tem um grande susto...” (Assis, 1997, p.482). Não devia ter medo de nada, não aconteceria nada, o outro ignorava tudo. Camilo, aliviado, deu-lhe uma nota de dez mil-réis, desconhecendo que a

consulta valia dois mil-réis. “Vá, disse ela; vá ragazzo innamorato...” (Assis, 1997, p.482). De volta à rua, agora renovado, seguiu confiante. A narrativa retorna ao seu fluxo.

Ao chegar à casa, apeou-se e entrou pelo portão. Subiu os seis degraus e mal teve tempo de bater, a porta abriu-se e apareceu Vilela. Camilo desculpou-se por não vir antes, mas não obteve resposta. Entraram na sala e o moço se deparou com o corpo de Rita, morta e ensanguentada, ao fundo. “Vilela pegou-o pela gola, e, com dois tiros de revólver, estirou-o morto no chão” (Assis, 1997, p.483).

4. Machado e a decadência moral

Antes de tudo é preciso pontuar que o narrador é quase que um quinto personagem da obra. Trata-se de um narrador que conduz o leitor pela mão enquanto o desconcerta, instalando dúvida e constrangimento. Senão vejamos: é pelo seu olhar que inferimos a firmeza e determinação de Vilela, o vazio e inobjetividade de Camilo, a veledade de Rita. É ele quem nos revela as consistências e inconsistências dos personagens, seus valores e deméritos, desenhando os traços de uma sociedade moralmente decadente: favores políticos, casamento por interesse, amizades falsas, exploração da boa-fé... Seus comentários despreziosos estabelecem uma crítica precisa das convenções sociais, das verdades legitimadas de uma sociedade que se degenera segundo a própria ética que estabelece. Ele aponta tais fragilidades pelas observações que faz acerca das ações de um e de outro personagem. A ação do narrador educa o olhar do leitor, muda suas perspectivas, provoca-o à reflexão.

De início, retomando o pensamento de Nietzsche, podemos considerar Camilo e Rita como os dois lados da mesma moeda: nele encontramos o vazio e a inconsciência, a feição entorpecida de quem não descobre sentido em nada na vida; nela, por sua vez, o fastio e o tédio, o gosto amargo de quem não vê sentido naquilo que produziu – um casamento de conveniência, sem amor nem compromisso, a ponto de enamorar-se pelo melhor amigo do esposo pouco tempo depois da união.

Nenhum dos personagens defende uma moralidade fundada em modelos universais que devem ser cultivados e valorizados. Rita e Camilo estabelecem a verdade do momento presente, do âmbito do vivido, da experiência imediata, sem planejamento ou pretensões de futuro. Essa parece ser, para eles, a única possibilidade de viver a vida, em contato com as situações do momento. A natureza de Vilela é pouco detalhada, mas é possível verificar que, embora suas ações sejam pautadas pelo raciocínio e planejamento, ele, ao final, rompe com esses valores, deixando-se levar pelo impulso da paixão.

Portanto, podemos afirmar que a narrativa não desenvolve um raciocínio elaborado, um conhecimento reflexivo, guiando-se pela sucessão dos acontecimentos. Estes, porém, não permanecem no raso dos fatos. A voz do narrador os elabora desde uma perspectiva investigativa, tecendo comentários que ora avaliam, ora apontam detalhes que suscitam a reflexão do leitor, ora descrevem, ora silenciam, colocando os comportamentos em referência a outros aspectos, antes negligenciados. Ele oscila entre a dúvida e

o conhecimento das motivações, entre afirmações e suposições do que se passa. Ele parece acentuar as tintas ao tratar de Rita, ao passo que propositadamente silencia na descrição de Vilela. Relaciona a mulher com a serpente mítica do primeiro pecado, mas deixa ver que o homem não foi assaz verdadeiro ao resistir-lhe. Ele pontua a apatia de Camilo, ao mesmo tempo que anota sua impressão de Rita, ao receber o amigo recém-chegado. Ele revela a astúcia da cartomante, descrevendo os detalhes da consulta, e, no entanto, interrompe imediatamente a narrativa após a vingança de Vilela. Dessa maneira oscilante, ele anuncia os interesses e revela os impulsos, destaca os eventos e denuncia o contrassenso e a falsidade dos arranjos em que a sociedade se firma. Com efeito, a hipocrisia que sustenta o contrato social é o lastro equilibrando as relações.

Nesse sentido, o narrador parece concordar com Nietzsche (1983), em sua descrença do conhecimento reflexivo e sua possibilidade de fundar a moralidade das ações humanas; tal conhecimento está em dívida com a experiência imediata da vida.

O aforismo destacado no texto – “*A virtude é preguiçosa e avara, não gasta tempo nem papel; só o interesse é ativo e pródigo*” (Assis, 1997, p.480) – resume e confessa o princípio que sustenta esse corpo social. Faz isso sentenciosamente, pois rompe uma fachada, “penetra na experiência específica da coisa, escapa às convenções estabelecidas sobre ela e coloca a relação com o objeto no lugar do acordo majoritário daqueles que nem mesmo o enxergam, e menos ainda o pensam” (Adorno, 2008, p.65). A máxima, segundo o narrador, traduz um pensamento de Rita. Porém, nem Camilo, nem Vilela e nem mesmo a cartomante estão em contradição com ele.

A cartomante, de sua parte, está bem ajustada à realidade. Ela representa a força do sobrenatural e do encantamento sobre o destino dos homens. Estes relutam, mas terminam por reconhecer sua existência e poder, submetendo a própria vontade e dominando os impulsos para cultivar o vaticínio. Os olhos *sonsos* e *agudos* da vidente, no entanto, apontam sua verdadeira identidade: ela dissimula para confirmar o sobrenatural de suas revelações, atestar que suas predições não vêm propriamente dela e sim das forças que contata, mas ao mesmo tempo não pode ocultar totalmente os mecanismos de seu negócio, a maestria em conduzir os artifícios de um mercado.

E é assim que a tragédia final acontece, em virtude da aceitação e conformidade com suas palavras. Com efeito, é ela que remove do peito de Camilo as últimas suspeitas. A visão instintiva que poderia salvá-lo foi por ela desfeita. Desde as sombras em que leu o rosto apavorado do jovem amante, ela deu-lhe o falso brilho de uma verdade forjada. E é a verdade forjada – a dissolução de uma tensão pela pretensão do controle – que camufla e distorce a experiência do vivido. Somente o conhecimento intuitivo, enquanto apreensão direta da realidade, não mediada por uma razão reflexiva, é capaz de alçar o ser humano ao âmbito de sua verdadeira e dialética *racionalidade*. Camilo absorve a profecia como representação correta de uma realidade que efetivamente é falsa, reprimindo a intuição que o despertava para perceber as tensões do momento.

Ao postular que o raciocínio é capaz de estabelecer com exatidão a realidade das coisas, com definições precisas e sem engano, o ser humano

rejeita a dialética da existência, as imprecisões do movimento, reprimindo sua visão intuitiva. Como se fosse possível conter e regulamentar a instabilidade da vida. A voz do narrador conduz a essa descoberta.

E o resultado dessa prática comum é dado no desfecho da obra. Desde o momento em que recebe o bilhete de Vilela até o instante em que a porta de sua casa é aberta, a narrativa entra em uma tensão crescente que só é desfeita no clímax. No entanto, um clímax abruptamente interrompido por um encerramento instantâneo. Camilo entra, vê Rita caída, ensanguentada, e imediatamente é seguro pela gola, recebendo dois tiros e caindo morto ao chão. Uma conclusão que se recusa a racionalizar e justificar, explicar ou dar motivos; um final a ser captado intuitivamente.

Vilela, sempre firme e determinado – o personagem que representa o controle e o planejamento –, vinga-se da traição sem que o narrador teça um único comentário acerca de sua atitude. É como se dele não houvesse satisfação nenhuma a ser dada. Agora ele age pelo impulso do momento e a avaliação de sua ação é deixada em aberto, para o leitor.

5. Ascensão e resistência da consciência crítica

Não foi dito no enredo do conto que Hamlet é citado na obra, logo de início, para – segundo Vaz (2008) – estabelecer uma distância e ao mesmo tempo ligação entre a grande tragédia da corte dinamarquesa e as pequenas tragédias do nosso cotidiano. Com efeito, segundo o narrador, aqui Hamlet é traduzido para o vulgar. É preciso dizer, no entanto, que tal trivialidade carrega em si elementos de fina percepção, ferramentas de modelagem precisa, capazes de despertar da letargia para a atenção curiosa. E esse mote, justamente, é que queremos associar à esfera da educação.

Se há mais coisas entre o céu e a terra do que sonha nossa vã filosofia, elas estão latentes na vida, dissimuladas na generalidade com que cada um reproduz o que é comum a todos os outros. Os conflitos estão escamoteados, simplificados e explicados racionalmente, numa rasa inteligência, de maneira a fundar uma estabilidade permanente, capaz de garantir a reprodutibilidade da existência humana. Todavia, como bem disse Adorno (2009, p.21), “o pensamento não-ingênuo sabe o quão pouco alcança o que é pensado, e, no entanto, sempre precisa falar como se o possuísse inteiramente”. Desse modo, a inteligência deve ser feita e deve ser crítica, despretensiosa e ciente de seus limites.

Esta pode ser a dinâmica educativa, incorporando a arte como um todo e sua técnica em particular, de tal modo que sua força problematizadora tensione e repercuta as contradições de uma realidade dissimuladamente estável.

Tal mecanismo pode ser observado na figura do narrador, na franqueza de seu olhar, que contempla a vida não através do método e da análise de um fenômeno inalterável, mas com os “óculos de cristal” (Assis, 1997, p.479), que lhe permitem intuir a mobilidade da natureza. Ele está distanciado e é onisciente, mostra-se indiferente, mas também comprometido; ele, a um só tempo, é certeza e hesitação. Em parte, ele próprio relativiza sua onisciência, pois reconhece que não alcança completamente a verdade das coisas. Porém, está mais próximo dela do que a maioria. Graças a essa aproximação intuitiva,

que mais sugere do que propriamente afirma, como quem opera um método, ele alcança expor a realidade moral sem fazer uma instrução moralista. Não se trata, em suma, de resgatar os verdadeiros valores ou promover a retidão dos costumes, e sim distinguir os artifícios que falseiam a estrutura social. A maneira como ele tensiona os interesses, distendendo e comprimindo a narrativa, indicando diferentes facetas de uma mesma situação, é expressão das possibilidades do pensamento dialético, e, sobretudo, da arte.

O narrador ensina a ascensão da consciência espalhando dúvidas, perplexidade. Se “o mundo amarrado objetivamente em suas bordas e transformado em totalidade não deixa a consciência livre. Ele a fixa incessantemente *no ponto* de onde ela quer se evadir” (Adorno, 2009, p.23 – grifo nosso), nosso narrador toca justamente esse ponto, procurando a *verdadeira consciência*, autônoma e crítica, como resistência ativa do sujeito.

Do mesmo modo, Adorno (2008), ao escrever sua *Minima Moralia*, não pretendeu elaborar um compêndio das pequenas atitudes que deveriam ser tomadas cotidianamente, mas fazer justamente a denúncia dessa impossibilidade, dado o atual cenário em que a vida acontece, administrada pela indústria cultural. E o fez de forma fragmentada, por meio de aforismos, sem estabelecer nexos ou enredo ordenado, mas no fluxo das ideias, a fim de constranger as consciências e evidenciar os mecanismos através dos quais se estrutura a administração do pensamento. É preciso que tais processos sejam notados e enfrentados antes de simplesmente absorvidos.

Para tratar a temática moral, a prática educativa precisa desenvolver esses mesmos princípios, expressando o modo de ser próprio do homem.

Considerações Finais

Concluimos nossa investigação considerando que se a abordagem da moralidade precisa constituir-se como desvelamento das tensões da existência, como ascensão das concepções divergentes, como resistência ao simples ajustamento, a obra literária combina a estratégia e o conteúdo para esse debate no âmbito educativo. É preciso expor as chagas, mesmo sabendo que isso não cura as feridas. Esta ação, no entanto, notabiliza sua existência, não sendo mais possível ignorá-las totalmente.

O objetivo inicial proposto, de realizar uma análise literária, considerando a hipótese de que ela pudesse trazer elementos para o debate moral, conduziu-nos à conclusão de que a narrativa ficcional torna as tensões mais evidentes ao leitor atento – o que pode ser efetivamente buscado pela prática educativa.

Se, por um lado, a conduta moral perdeu sua substância pelo surgimento de um indivíduo genérico - cuja existência tornou-se apêndice da produção - por outro lado, a percepção das tensões, a dissolução da totalidade e da harmonia na esfera literária podem facilitar a discussão no contexto formativo e desencadear o surgimento da consciência livre, o pensamento, a reflexão. Quando as tensões da existência são vislumbradas, a dialética é restaurada e a vida deixa de ser sustentada apenas pelo silêncio inexplicável.

Referências



ADORNO, Theodor; HORKHEIMER, Max. **Dialética do esclarecimento**. Trad. Guido Antônio de Almeida, Rio de Janeiro: Zahar, 1985, 223p.

ADORNO, Theodor. **Minima moralia: reflexões a partir da vida lesada**. Trad. Gabriel Cohn, Rio de Janeiro: Beco do Azougue, 2008, 263p.

ADORNO, Theodor. **Dialética negativa**. Trad. Marco Antônio Casanova, Rio de Janeiro: Zahar, 2009, 351p.

ASSIS, Machado de. A Cartomante. In: COUTINHO, Afrânio (org.). **Machado de Assis: Obra Completa**. Volume II. Conto. Rio de Janeiro: Editora Nova Aguilar, 1997, pp. 476-483.

NIETZSCHE, Friedrich. Sobre verdade e mentira no sentido extra-moral. In: LEBRUN, Gérard (org.). **Friedrich Nietzsche: obras incompletas**. Coleção Os Pensadores. Trad. Rubens Rodrigues Torres Filho, São Paulo: Abril Cultural, 1983, pp.43-52.

NIETZSCHE, Friedrich. **Genealogia da Moral: uma polêmica**. Trad. Paulo César de Souza, São Paulo: Companhia das Letras, 2007, 179p.

VAZ, David Oscar. **As lições de “A Cartomante”**. Le Monde Diplomatique Brasil, Literatura, Acervo online. 19/12/2008. Disponível em: <https://diplomatique.org.br/as-licoes-de-a-cartomante/> - Acesso em: 05/02/2021.

WEBER, Max. **A ética protestante e o “espírito” do capitalismo**. Trad. José Marcos Mariani de Macedo, São Paulo: Companhia das Letras, 2004, 335p.

Enviado em: 14/06/2021 | Aprovado em: 27/06/2022

